

(Desin)Formação profissional e atividades de aventura: focalizando os guias de “Rafting”

CDD. 20.ed. 378.124
790.1
796.5

Gisele Maria SCHWARTZ*
Sandro CARNICELLI FILHO*

*Departamento de
Educação Física,
Instituto de Biociências,
Universidade Estadual
de São Paulo - Rio
Claro.

Resumo

Este estudo, de natureza qualitativa, objetivou investigar o perfil de formação dos guias de “rafting”, o domínio dos cuidados relacionados aos aspectos do desenvolvimento da atividade, assim como, o preparo dos guias para lidar com as emoções intervenientes nestas práticas. O estudo constou de uma pesquisa exploratória, desenvolvida por meio de questionário misto, com uma amostra aleatória de 20 instrutores de “rafting”, pertencentes aos quadros de funcionários das empresas de ecoturismo da cidade de Brotas, Estado de São Paulo. Os dados foram analisados descritivamente, utilizando-se a técnica de Análise de Conteúdo Temático e indicam que os guias são, em sua maioria, jovens entre 17 e 25 anos e que não possuem formação em nível superior. Todos realizaram apenas os cursos de formação técnica oferecidos pelas próprias agências. Ansiedade e Tensão foram evidenciadas no trato com iniciantes, pela necessidade de se garantir a segurança. Houve unanimidade quanto à necessidade de reciclagem de conhecimentos técnicos e lidar com as emoções próprias e com as dos clientes, representa o maior desafio apontado pelos profissionais. Torna-se premente a necessidade de se despertar para uma formação mais adequada destes instrutores, que com o auxílio de profissionais de Educação Física, podem apurar não apenas a parte técnica, mas, inclusive, a preparação psicológica para lidar com a atividade em si e com as emoções pessoais e dos outros envolvidos.

UNITERMOS: Formação profissional; Emoção, Lazer.

Introdução

Conquanto as atividades de aventura na natureza não sejam práticas novas em essência, elas estão sendo sistematizadas no campo do lazer há bem pouco tempo, merecendo um olhar mais aguçado em âmbito acadêmico, em função da significativa demanda pela vivência destas experiências, especialmente no que tange ao “rafting”, foco deste estudo.

As atividades de aventura na natureza (AFAN), termo cunhado por BETRÁN (1995, 2003), têm fomentado a aderência de pessoas que procuram tais práticas por motivos diversos, conforme a potencialidade de seu significado ao enredo psicológico de cada adepto.

Alguns pesquisadores, como TAHARA e SCHWARTZ (2003), TAHARA (2004), entre outros, têm apontado a recorrência de alguns motivos de aderência a estas práticas, os quais estão associados, principalmente,

à vontade humana de se (re) aproximar do ambiente natural, com o intuito de reposição de energia e revitalização de forças esvaídas no estresse urbano, assim como, de vivência de novas emoções diferentes daquelas do cotidiano.

BRUHNS (1997), a este respeito, acredita que esta crescente busca por atividades na natureza se dá devido a um grande vazio existencial, incômodos permanentes e perda de valores que acontecem na sociedade atual, motivando o ser humano a procurar algo desconhecido e desafiador.

O fato é que estas atividades tomam vulto no contexto do lazer atual, traduzindo-se em um campo profícuo para a indústria do turismo de aventura. Estas práticas requerem um aparato tecnológico, bem como, um envolvimento aprimorado de pessoas tecnicamente capazes de propiciar a aventura

desejada, em condições de plena segurança, o que é à base da vivência lúdica.

No entanto, bem pouco se tem noção das exigências concretas para que tais recursos lúdicos sejam aproveitados de maneira eficiente. Também não se tem controle das ações das pessoas envolvidas com a oferta destas atividades, ficando a cargo de agências de ecoturismo ou de atividades de aventura, a decisão sobre o que efetivamente é necessário para que estas vivências ocorram sem transtornos.

Estas empresas iniciam suas atividades, geralmente, apoiando-se no potencial geográfico de alguns locais, os quais, ricos em relevos diversificados, cavernas, cachoeiras e rios, favorecem o desenvolvimento de estratégias de ação para implementar a oferta de oportunidades práticas.

As agências promotoras de tais experiências estão crescendo em número e sofisticação e, com isto, proporcionam um certo desenvolvimento às regiões envolvidas e consideradas como pólos ecoturísticos, já que oferecem novos empregos e fonte de renda para a cidade. Entre esses novos empregos surgidos a partir do desenvolvimento destas atividades está o de guia e instrutor, representando pessoas tecnicamente especializadas em alguma destas vivências e que devem zelar pela segurança, conforto e qualidade durante a atividade.

Cada agência oferece um pequeno curso técnico, de algumas horas apenas, em que são veiculadas informações sobre as diferentes atividades de aventura, como no caso específico do “rafting”, em que são transmitidos os conceitos sobre manejo dos botes ou da bóia para o *bóia-cross*, bem como, algumas manobras de socorro na água.

Algumas delas viabilizam uma apostila, visando implementar as informações passadas aos instrutores. Estas contêm, geralmente, noções sobre os cuidados com o material, preparação do “kit” primeiros socorros, classificação de rios e corredeiras, técnicas de condução do bote e técnicas de segurança e resgate, em caso de acidente na água.

Estas atividades obedecem a um certo ritual para seu desenvolvimento, mas, também, podem oferecer uma evolução, no que tange ao conteúdo desafiador, uma vez que a rotina ou a repetição da atividade pode levar o praticante assíduo a buscar elementos mais desafiadores, os quais podem ser outros rios com corredeiras mais difíceis, ou a prática em dias de chuva, quando o volume de água é maior ou, ainda, a vivência do “rafting” noturno, oferecido por diversas empresas como um toque de aventura a mais.

Os guias também representam uma parte importante na vivência de situações emocionais, uma vez que orientam os praticantes a agirem nas diversas situações e a se posicionarem adequadamente para garantir a segurança de todos no barco. Com base, muitas vezes, no comando do guia, ou em sua forma de conduzir os participantes, estas emoções são modificadas em intensidade.

Assim, são montados os centros de atendimento ao cliente, os quais vendem, não só a emoção da aventura em si, mas, também, produtos de consumo associados a estas práticas, como peças de vestuário (maiôs, camisetas), garrafas especiais para o transporte de água potável, calçados específicos para cada modalidade (escalada, rapel), fotos e filmes sobre o passeio.

Uma das modalidades mais procuradas nestas agências é justamente o “rafting”, foco de atenção neste estudo, realizado em corredeiras de rios, com a utilização de botes especiais com capacidade para cinco ou 10 pessoas. O “rafting” tem se tornado bastante procurado, principalmente, por ser uma atividade que favorece a participação cooperativa em grupo, pelo fato de que o bote só navega para o sentido certo se houver uma sincronia entre os tripulantes.

Outra característica bastante atraente em relação ao “rafting” é sua pseudo-imprevisibilidade, decorrente das variações nas condições climáticas e nos rios, como salienta SOUSA (2004), sendo que isto, no olhar da autora, é que quebra a rotina e provoca o espírito aventureiro.

Esta autora entende que o praticante, ao entrar no rio, tem o desejo de conquistá-lo, sendo necessário, para isso, desbravar suas corredeiras e ainda sair ileso, condição para que a atividade incorpore um caráter lúdico.

O mercado é promissor e as diversas empresas iniciam suas atividades sem qualquer controle sobre a qualidade dos serviços prestados, o que tem alimentado ultimamente a mídia na divulgação de acidentes causados por negligência ou despreparo humano para lidar com as exigências de segurança nas atividades.

Em função do número crescente de adeptos destas modalidades, muitas inquietações se fazem presentes, em relação à maneira como as empresas vêm se apropriando destas práticas, ou mesmo, no que concerne à formação e à preparação dos profissionais que atuam diretamente neste setor, em relação à implementação do quesito segurança, gerando o interesse deste estudo em buscar compreender este universo que envolve a atuação do profissional e as emoções intervenientes neste processo.

Método

O estudo, de natureza qualitativa, constou de uma pesquisa exploratória, desenvolvida através de um questionário contendo perguntas mistas, para facilitar a visualização das respostas.

A amostra participante do estudo foi composta por 20 instrutores de “rafting”, ligados profissionalmente às empresas de ecoturismo da cidade de

Brotas, São Paulo, adultos, de ambos os sexos, os quais, voluntariamente, se dispuseram a responder ao questionário proposto.

Os dados advindos da aplicação do instrumento foram analisados descritivamente, por meio da técnica de análise de conteúdo temático (RICHARDSON, 1989).

Resultados

Os resultados indicam que, em relação ao perfil etário dos participantes e a procedência dos mesmos, 60% dos guias são jovens entre 17 e 25 anos de idade, evidenciando-se que todos eram residentes em Brotas e praticavam estas atividades espontâneas no contexto do lazer, desde a infância. Os participantes também salientaram estar em plena sintonia com o rio, conhecendo cada curva e cada acidente geográfico nele contido, em função destas experiências anteriores.

É evidente que as experiências prévias neste local ou com esta atividade favorecem um certo domínio da situação e a autoconfiança dos guias, no entanto, a passagem desta situação espontânea para o controle das vivências de outras pessoas, apresenta um outro grau de dificuldade, correspondente exatamente à situação oposta, de ter pessoas, sob sua responsabilidade, muitas vezes, sem qualquer familiaridade com este ambiente ou com as exigências técnicas da modalidade.

Isto causa muitas inquietações relativas à diferenciação entre a experiência prática e o domínio do ensino e da transmissão dos conhecimentos, sem que estes percam suas peculiaridades.

O ensino, sendo relacionado com experiências adquiridas sistematicamente, como já definia CARVALHO (1974), pode ser de caráter positivo ou negativo e, mesmo que a intenção de quem ensina seja boa, sua ineficiência técnica pode produzir uma aprendizagem errônea. Portanto, a qualidade do processo ensino-aprendizagem dentro da modalidade abordada é fundamental, evidenciando-se que no ensino qualquer falha na passagem da informação de alguma técnica pode comprometer o rendimento e a segurança durante a atividade.

No que tange ao nível de formação, 70% dos participantes não possuem formação em nível superior, 60% cursaram até o final do ensino médio,

mas todos realizaram os cursos de formação técnica, oferecidos pelas agências.

É evidente que o simples fato de se cursar o ensino superior não garante que a atividade seja desenvolvida com sucesso ou com o desempenho desejado, entretanto, apenas os cursos técnicos oferecidos pelas agências limitam sobremaneira a atuação dos guias, uma vez que, nestes cursos, as informações se restringem ao manejo e domínio das ações e materiais envolvidos, deixando de lado todos os componentes didático-pedagógicos e psicológicos que envolvem a transmissão de conhecimentos, assim como as estratégias e os estilos de ensino relacionados às possibilidades de se lidar com a diversidade de interesses e de personalidade dos clientes que procuram estas vivências, elementos estes que são efetivamente viabilizados nos cursos de formação, especialmente na área de educação e educação física.

Aprender a utilizar a didática é fundamental para o trabalho desses profissionais, que têm como objeto principal a arte e a técnica de ensinar, à procura dos melhores resultados em termos de aprendizagem, com o mínimo esforço e o máximo de segurança.

Tendo em vista que a comunicação oral e a demonstração prática são os principais elementos para o ensino das técnicas de remadas e de segurança, e que o principal público é o de adultos, torna-se necessário, conforme salientam BORDENAVE e PEREIRA (1991), que os instrutores, para melhorarem os níveis de aprendizagem cognitiva, busquem ativar o envolvimento cognitivo dos alunos, por meio de estimulação adequada da atenção, do interesse e da percepção, utilizando instalações e ambientes propícios, calculando as necessidades de tempo e tendo o foco sempre centrado nos objetivos educacionais. Esses pontos, segundo estes autores,

convergem em um planejamento do ensino em bases pedagógicas.

Aprender através da observação pode ser considerado um método bastante adequado. As investigações sobre a aprendizagem por observação, também conhecida por modelação, conduzem a alguns dados nos estudos da área, em que se afirma que a observação do modelo antes do início da prática e em suas primeiras tentativas é mais eficaz do que somente no início ou durante as primeiras tentativas (TANI, FREUDENHEIN, MEIRA JUNIOR & CORRÊA, 2004). Estes dados corroboram com as ações de demonstrar as remadas e o posicionamento de segurança dentro do barco antes do início da aventura.

Referente a este mesmo aprendizado por observação e reforçando a necessidade de se demonstrar como proceder dentro do barco, MAGILL (2000) justifica que o instrutor demonstra uma habilidade porque acredita que seu aprendiz receberá mais informação em menos tempo do que através de uma explicação verbal.

Dessa forma, antes do início da aventura, preza-se que a explicação seja tanto de ordem verbal, quanto demonstrativa, aumentando, assim, a segurança para a atividade.

Quanto aos depoimentos sobre as emoções que envolvem a prática, os guias salientaram, em 60 % dos resultados, que o tempo de prática tornava a atividade monótona ou conhecida, mas, ainda assim, sentiam-se ansiosos e tensos no início das vivências, por estarem lidando com pessoas inexperientes e por entenderem a responsabilidade da situação; 35% sentiam-se, ao mesmo tempo alegres, mas, com o sentido da responsabilidade aguçado, para que isto contagiasse os participantes e contribuísse para o sucesso da vivência.

Os guias conseguem perceber a importância da expressão e do controle regulador destas emoções, o que ocorre absolutamente por instinto e bom senso, tendo em vista que eles não recebem qualquer instrução a respeito destes assuntos do trato psicológico com o cliente.

Sousa (2004), a este respeito, classifica a participação e a conduta emocional do guia como facilitador na decodificação das informações fornecidas pelo ambiente, tornando-se um animador sociocultural-ecológico, cuja presença dentro do bote ameniza o medo da morte, que paira no contexto das atividades de aventura.

As emoções representam fenômenos complexos, com diferentes graus de sentimentos, mudanças

viscerais e impulsos inter-relacionados. A conceituação do termo é um desafio, tendo em vista seu caráter subjetivo e passível de diferentes conotações.

Na evolução etimológica do termo, emoção obteve uma concepção de fenômeno de consciência e, posteriormente, a esta dimensão foram acrescentadas outras, que a posicionavam como um tipo de comportamento, com inúmeras correlações, como os aspectos da inteligência (GOLEMAN, 1995), por exemplo.

Autores como WOODWORTH e MARQUIS (1977) e ENGELMANN (1978), associavam o conceito de emoção à ação, provocando estados excitados expressos na ação motora. A expressão emocional deriva de reações, as quais, uma vez, foram consideradas úteis no caminho ancestral, ou que são aprendidas no decorrer do desenvolvimento individual.

A expressão emocional difere conforme as situações culturais, os componentes motivacionais e os estados de ânimos momentâneos e, no caso das atividades de aventura, estão associadas aos conceitos de risco e segurança.

O “rafting”, considerado por muitos dentro da conotação de “esporte radical”, pode promover diferentes sensações e emoções em seus praticantes, sejam estes experientes ou não, sendo que cada emoção associada a esta experiência, é capaz de desenvolver uma certa função no corpo humano, como, por exemplo, quando se sente medo, situação em que o corpo faz com que os músculos tenham certo tipo de reação e isso promove a preparação para o próximo movimento.

Sendo assim, as declarações dos guias sobre a tensão ou a ansiedade antecedentes ao início da prática corroboram com o pensamento de GOLEMAN (1995), o qual afirma que as emoções são impulsos, legados pela evolução, para uma ação imediata, em que, neste caso específico, preparava os guias para agirem com os clientes e suas inúmeras e inesperadas respostas motoras.

Quanto à necessidade de reciclagem de conhecimento, 75% dos instrutores reconhecem a necessidade de sempre se atualizarem tecnicamente, o que se dá, normalmente, de forma individual e por busca pessoal e todos apontaram a falta de esclarecimentos mais profundos em relação às maneiras de se lidar com o público, especialmente com aqueles que apresentam maior dificuldade no envolvimento com a água ou com outras pessoas.

Considerações finais

A vida moderna e agitada dos grandes centros urbanos tem provocado a demanda crescente por vivências mais significativas de sentimentos de vertigem e de extrema emoção, diferentes do cotidiano, ampliando a procura por atividades de aventura no contexto do lazer.

Mesmo se observado o aumento das opções de modalidades físicas como estas caracterizadas pela aventura e praticadas, tanto em ambiente urbano, como no rural, assim como a maior divulgação, nos meios de comunicação, sobre a necessidade de adoção de estilo de vida mais ativo, dados estatísticos demonstram a redução do nível de atividade física na população em geral (FERRAZ, NUNOMURA, MATTOS & TEIXEIRA, 2004). Isto demonstra a grande necessidade de uma política de conscientização, desde o âmbito escolar, para que as crianças se tornem adultos saudáveis.

As atividades de aventura ganharam vulto com a implementação do ecoturismo, o qual, conforme GRECCO (1999), representa uma segmentação do mercado turístico, com o desenvolvimento sustentável do patrimônio cultural e promovendo o desenvolvimento das regiões envolvidas.

Algumas características são marcantes nestas atividades, como a possibilidade de vivência de experiências inusitadas, causando sensações e emoções pouco vividas em outras situações, além do desenvolvimento, em alguns casos, do trabalho em equipe e a confiança em si próprio e no outro, representando motivos de aderência às mesmas.

Muitas empresas estão oferecendo estas atividades, as quais são desenvolvidas por guias ou instrutores que receberam cursos de treinamento técnico. É justamente sobre estes que o presente estudo centrou atenção e, com base nos resultados da pesquisa exploratória pode-se notar uma falha na formação apontada, inclusive por eles próprios, merecendo maior atenção, por parte da comunidade acadêmica nas áreas afins, bem como, dos órgãos fiscalizadores de tais vivências, para se garantir que estas se desenvolvam com sucesso.

Outro elemento de grande participação quando se trata do contexto das atividades de aventura, são as emoções, pelo fato de que a própria aventura propicia ao praticante certo grau de reações fisiológicas e psicológicas, influentes na percepção, na aprendizagem e no desempenho, como salienta CESAR (2002), merecendo atenção especial dos envolvidos.

Os guias salientaram uma certa falta de condições de lidar com as próprias emoções e com as dos participantes, o que poderia ser suprida com melhores condições na formação.

Evidenciando-se, especialmente, o “rafting”, esta modalidade pressupõe um rearranjo constante, por sua forma dinâmica de interação, favorecendo sobremaneira esta riqueza de estímulos perceptivos.

A ansiedade foi outro elemento apontado pelos guias durante as atividades, principalmente nos momentos que antecedem o “rafting”, afetando-os de várias maneiras, como salientam EYSENCK e KEANE (1994).

Para que os indivíduos envolvidos possam enfrentar as tensões e a ansiedade com bom rendimento e com determinado nível de segurança, é necessário que o guia tenha estabilidade emocional, como foi enfatizado por THOMAS (1983). O controle das emoções é fundamental para que eles atuem decisivamente na superação das situações inesperadas, tornando-se necessário a conscientização destes elementos no compromisso profissional, pelo fato disto afetar, inclusive, os aspectos referentes à motivação dos usuários em superar seus limites, enfrentando os medos intervenientes na prática.

Conforme SOUSA (2004) evidencia, o papel do guia no bote é decisivo, tendo em vista que os praticantes podem se sentir mais seguros com a presença do guia dentro do bote, amenizando o medo da morte e fazendo com que os praticantes sintam-se mais seguros. Porém, não basta à presença, é necessário maior envolvimento e conhecimento para lidar com as nuances da subjetividade humana.

O “rafting” diferencia-se de outros esportes de aventura, por ser praticado em ambiente fluvial e por ser realizado em equipes, enquanto o rapel e o arvorismo, exemplos de atividades de aventura aéreas, são realizados de forma individual e em ambientes diferentes. Estas características podem influenciar nas emoções sentidas, especialmente, quando se está convivendo com outras pessoas.

Torna-se importante, que, não só as agências se tornem responsáveis pela fundamentação de novas informações mais completas para a formação mais adequada destes instrutores, mas também, que as áreas envolvidas possam aprimorar conhecimentos, não apenas técnicos, mas, inclusive, sobre a preparação psicológica para lidar com a atividade em si e com as emoções pessoais dos indivíduos envolvidos nestas vivências.

Não parece haver, ainda, suficiente número de estudos acadêmicos mobilizados em buscar compreender os aspectos intervenientes às vivências de aventura, além dos impactos da disseminação da indústria do turismo de aventura.

Esta lacuna não parece atingir apenas a produção científica, mas, inclusive, os cursos de formação e atuação nas áreas do lazer, da educação física e do turismo, uma vez que as atividades de aventura na natureza estão sendo assimiladas de maneira voraz pelo mercado do lazer, provocando a necessidade de se alertar para um possível descontrole nas ações, frente à banalização dos locais e a possível produção de efeitos destrutivos e desagradáveis dos meios natural e social (JACOBI, 1999), caso estas vivências não sejam absorvidas por estes cursos, preparando melhor as atitudes e condutas dos envolvidos com seu desenvolvimento.

Tendo em vista a atração cada vez maior de adeptos a estas vivências, torna-se premente a implementação, nos cursos de formação das áreas supra citadas, dos

aspectos relacionados a uma formação mais eficiente dos guias, para além da simples competência técnica, acompanhando as exigências e as demandas atuais do mercado das práticas esportivas, favorecendo a eles os conhecimentos referentes às formas didáticas corretas, às possibilidades de atuação frente às expressões emocionais dos envolvidos, às práticas didáticas coerentes, assim como, os parâmetros relacionados com a consciência de preservação.

Estas áreas envolvidas necessitam agir de forma sinérgica, como evidenciam LÓPEZ PASTOR e LÓPEZ PASTOR (1997), para garantirem a qualidade e a sensibilidade da formação destes profissionais, de maneira mais aprofundada e ações educacionais mais efetivas.

Com a preocupação de minimizar a exploração inadequada deste mercado de trabalho, COSTA (2000), lança desafios para se encontrar alternativas conscientes para o desenvolvimento destas práticas em contato direto com a natureza, que levem em consideração os impactos nos âmbitos social e pessoal.

Abstract

(Lack off) Professional formation and adventure activities: focusing rafting guides

This study, of a qualitative nature, aimed to investigate the formation profile of rafting professionals, the domain of the care related to the development of this activity and the preparation of the guides in dealing with the intervenient emotions during the practice. An exploratory research was developed through a mixed questionnaire applied to 20 rafting instructors, of both sexes, which pertain to ecotourism agencies in the city of Brotas, in Sao Paulo State. Data were descriptively analyzed through thematic content analyses and indicate that the guiders are young, between 17 and 25 years old, with no college degree. All of them attended to technical courses offered by the ecotourism agencies. Anxiety and some tension were evident in treating with beginners, due to the need of security and perspective of return guaranty. They all realized the necessity of recycling technical and other kinds of knowledge. Professionals reported that dealing with both their emotions and their clients emotions represent a big challenge. It is imperative that graduation courses awake for the urgency of implementing their curriculum, trying to absorb the new professional work demand in leisure area, favoring new investment in this instructors formation, not only related to technique but also to psychological preparation to strive with the activity and with the clients personal emotions.

UNITERMS: Professional formation; Emotion; Leisure.

Nota

Órgão financiador: CNPq.

Referências

- BETRÁN, J.O. Las actividades físicas de aventura en la natureza: análisis sociocultural. **Apunts: Educación Física y Deportes**, Barcelona, n.41, 1995.
- _____. Rumo ao novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H.T. **Turismo, lazer e natureza**. Barueri: Manole, 2003.
- BORDENAVE, J.D.; PEREIRA, A.M. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- BRUHNS, H.T. Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.2, n. 18, p.86-91, 1997.
- CARVALHO, I.M. **O processo didático**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1974.
- CÉSAR, E.L.R. **Estados emocionais no triatlon: estudos da psicologia do esporte**. 2001. 57f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2002.
- COSTA, V.L.M. **Esportes de aventura e risco na montanha: um mergulho no imaginário**. São Paulo: Manole, 2000.
- ENGELMANN, A. **Os estados subjetivos, uma tentativa de classificação de relatos verbais**. São Paulo: Ática, 1978.
- EYSENCK, M.W; KEANE. M.T. **Psicologia cognitiva: um manual introdutório**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FERRAZ, O.L.; NUNOMURA, M.; MATTOS, E.; TEIXEIRA, L.R. Pedagogia do movimento humano: pesquisa do ensino e da preparação profissional. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.18, p.111-22, 2004. n.esp.
- GOLEMAN, D. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- GRECCO, A.P. **Mountain bike e meio ambiente: o ecoturismo como forma de conservação da paisagem**. 1999. 65f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ecologia) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- JACOBI, P.R. **Ciência ambiental: os desafios da interdisciplinaridade**. São Paulo: Annablume-Fapesp, 1999.
- LOPEZ PASTOR, V.M.; LOPEZ PASTOR, E.M. Tratamiento de la educación ambiental desde el área de la educación física: problemáticas y propuesta de acción. **Revista Apunts**, Barcelona, n.50, p.76-81, 1997.
- MAGILL, R.A. **Aprendizagem e controle motor: conceitos e aplicações**. 5.ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2000.
- RICHARDSON, R.J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1989.
- SOUSA, F.R. **O imaginário no rafting: uma busca pelos sentidos da aventura, do risco e da vertigem**. 2004. 212f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.
- TAHARA, A.K. **Aderência às atividades física de aventura na natureza, no âmbito do lazer**. 2004. 96f. Dissertação (Mestrado em Pedagogia da Motricidade) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- TAHARA, A.K.; SCHWARTZ, G.M. Atividade de Aventura na natureza: investindo na qualidade de vida. **Lecturas en Educación Física y Deportes**, Revista Digital, n.58, 2003. Disponível em: <www.efdeportes.com>.
- TANI, G.; FREUDENHEIN, A.M.; MEIRA JUNIOR, C.M.; CORRÊA, U.C. Aprendizagem motora: tendências, perspectivas e aplicações. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.18, p.55-72, 2004. n.esp.
- THOMAS, A. **Esporte: introdução à psicologia**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.
- WOODWORTH, R.S.; MARQUIS, D.G. **Psicologia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

ENDEREÇO

Sandro Carnicelli Filho
 Av. P-21, 60 - Vila Paulista
 13506-829 - Rio Claro - SP - BRASIL
 e-mail: Sandro_unesp@yahoo.com.br

Recebido para publicação: 06/10/2005

Aceito: 21/11/2006